



A RESISTÊNCIA DA MULHER CAMPONESA NA TRANSFORMAÇÃO AGROECOLÓGICA: RELATOS DE UMA EDUCADORA DO CAMPO, NO ACAMPAMENTO RENASCER – DF

COSTA, Bruno²; CAMPOS, Fernanda³; SOEIRA, Maristela⁴; ARAÚJO, Monique⁵

²Graduando em Gestão Ambiental, UnB, Planaltina, DF, brunocosta.unb@hotmail.com.

³Graduanda em Gestão Ambiental, UnB, Planaltina, DF, nandakeller.unb@gmail.com.

⁴Licenciada em Educação no Campo, UnB, Planaltina, DF, stelamaris003@hotmail.com.

⁵Graduanda em Gestão Ambiental, UnB, Planaltina, DF, m_oniquedearaujo@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre a resistência da mulher camponesa diante das transformações agroecológicas na luta pela terra. O relato de experiência popular disserta sobre a história de vida de Maristela Soeira, educadora do campo que transformou a área degradada em que morava no acampamento Renascer, em um ambiente agrobiodiverso. As práticas ancestrais de produção e de cura foram definitivas para que, hoje, Maristela esteja fazendo história, seu saber empírico vai muito além do apenas plantar. As ervas, a arte e a agroecologia foram as principais articulações tanto para produzir, como para melhorar sua autoestima e condição alimentar. Fortalecendo e transformando-a na mulher que é hoje, guardiã e produtora da agrobiodiversidade, em ambientes de recursos naturais e financeiros escassos, educadora popular na luta pela liberdade e equidade de gênero e transformadora do meio em que vive, diante dos recursos locais.

PALAVRAS-CHAVE: Agrobiodiversidade, Movimentos Populares, Ancestralidade, Luta feminista.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que a terra tenha cerca de 4,5 bilhões de anos e que o ser humano sempre precisou de seus recursos para viver. A terra é sua casa, como o feto precisa de todo o amparo do útero de sua mãe, assim é a relação mulher- natureza: ela nos dá condições de existir, comer, beber, respirar, entre outras tantas condições existenciais.

As mulheres são responsáveis pela preparação de alimentos desde a idade da pedra polida, no período neolítico. Realizavam a coleta de raízes, sementes e frutos. É fácil deduzir que elas deram início à agricultura ao lançar na terra a semente dos frutos coletados. Os homens, por sua vez, só assumiram o papel na produção agrícola muito mais tarde, com a introdução do arado manual e o cultivo de terras maiores, além de sua força de trabalho.

A conexão entre o planeta terra e o feminino é biologicamente comprovada. Não é coincidência nossa frente à luta ecológica, o 6º sentido, nossos ciclos conectados a transições planetárias, tampouco o conhecimento sobre as ervas e suas funções. Isso nos remete a geração da vida como a terra fértil, na qual traz todo o suporte para a semente germinada desenvolver.

A matriz terra nos faz repensar nossas ações onde o trabalho é o princípio educativo. Terra é trabalho e luta, como matrizes formadoras e articuladoras de temas gerados de produção, para entender o contexto e sua história, onde a mulher é reconhecida como produtora de conhecimento, tendo acesso ao conhecimento acumulado e produzido, e se apropriando das técnicas e dos ofícios, a fim de transformar a sua realidade e se reconhecer como sujeito de direitos.

A divisão de trabalho, culturalmente imposta, remete ao trabalho feminino a ideologia de menor prioridade nas tarefas a se cumprir. Essa realidade injusta sobrecarrega a mulher até 3 vezes mais que o



homem, dessa forma, a jornada extensiva de trabalho feminina é rotineira e, muitas vezes, não identificada.

Maria Paulilo (2004 P. 245), Estudou o trabalho das mulheres em cinco regiões do país e percebeu que a distinção entre trabalho leve feito pelas mulheres não se devia a uma qualidade do esforço despendido, mas ao sexo de quem o executava, de tal modo que qualquer trabalho era considerado leve se feito por mulheres, por mais exaustivo, desgastante e prejudicial à saúde que fosse.

O reconhecimento desse trabalho via políticas públicas é o primeiro passo para a equidade de direitos entre gêneros, a mulher camponesa que cuida dos filhos, também cuida da casa, provem as refeições e ainda auxilia nas tarefas do campo, envelhece sem seus direitos de aposentadoria, estando, assim, à mercê das decisões do patriarca da família.

Apesar do empoderamento e da conscientização que vêm acontecendo diante do grupo social, através das transformações das ideologias agroecológicas, com o passar dos anos, ainda é preciso o questionamento e o debate sobre a verdadeira autonomia conquistada. Teriam nós tido mais acesso a informações, bens materiais e oportunidades de capacitação? As conquistas garantem a liberdade de expressão verbal, corporal e cultural para a mulher camponesa?

“Empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza”. Paulo Freire (VALOURA, 2005-2006, p.2-3).

A expressão das ideias em favor das reivindicações populares e reafirmação dos direitos da mulher, mãe e cidadã, quanto na idealização de uma matriz que valorize o coletivo para a construção de uma nova cultura de Educação e de oportunidade para as mulheres se engajarem em vários espaços como a política, o trabalho e a militância.

A ação popular formada e apropriada pelos movimentos populares, em um contexto de luta representa um instrumento de superação na questão de gênero, trabalho de base e formação política para a elevação da consciência, tendo as mulheres como protagonistas na contracorrente e na disputa diante da hegemonia.

Diante da problemática do desenvolvimento rural sustentável há muito ainda a se conquistar e debater sobre assuntos como: política nacional de agroecologia; segurança e soberania alimentar; apoio e formação técnica; incentivos fiscais; e saúde física, mental e ambiental dos trabalhadores rurais.

Entretanto, é preciso espaços para debates sobre as desigualdades de gênero presentes na agricultura familiar, ambiente no qual a democratização das diversidades humanitárias enfrenta paradigmas estruturais. Não só nos métodos de produção e comercialização, mas também nas relações intrapessoais que direcionam o cotidiano.

A relação entre os seres humanos e destes com a sociedade em que vivem é marcada pela posição social na qual se identificam e são identificados. Os diversos sujeitos envolvidos nessas relações, na Agroecologia e na sociedade, são atravessados por variadas relações sociais, por exemplo: de classe, raça, gênero, sexualidade, dentre outras. Estas influenciam e podem em alguns momentos até serem determinantes em suas ações. Portanto, é importante para o desenvolvimento da Agroecologia perceber



quais são as questões que se colocam, por exemplo, para mulheres, homens, jovens (ANA, 2008, p. 69).

O reconhecimento dos saberes empíricos, muitas vezes intuitivos, ganha voz na academia e nos espaços sociais, o uso de ervas através da medicina alternativa, resgata a ancestralidade originada pelas mulheres, de gerações em gerações o conhecimento tradicional é mantido, seja pelas tarefas de cuidado que são atribuídas, seja através da resistência as diversidades que são impostas.

Como Morales, Patrícia retrata a ancestralidade “Ela atravessa todas as práticas sociais e tem um papel fundamental nas relações comunitárias, ela é o sustento de sua identidade como povo e a garantia da sobrevivência de suas formas de vida [...] Representa a origem comum, seu caminhar histórico como povo que os unifica em sua cultura”.

Diante dos temas expostos, este trabalho tem como objetivo a reflexão da história de vida de uma mulher camponesa, diante das adversidades da luta pela sua sobrevivência e permanência em seu território. Procura-se também identificar as alternativas de produção diante da escassez de recursos.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza básica e tem abordagem qualitativa do estudo de caso, preocupando-se, portanto, com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais.

Neste trabalho de caráter exploratório descritivo, busca-se descrever as práticas e saberes vivenciados por uma educadora de linguagens e artes do campo, em meio à transição agroecológica na luta pela terra, tentando compreender as relações e experiências do mundo social, os fatos e os paradigmas do tema exposto.

Para a elaboração dos relatos de experiência popular, foram realizadas reuniões e visitas ao acampamento Renascer-DF, durante os meses de novembro e dezembro de 2018. Maristela, ainda, respondeu alguns questionamentos e relatou sua rotina de trabalho, os conflitos socioambientais aos quais teve que enfrentar e como o processo de transformação do espaço também a transformou por dentro.

A prática lhe foi tão libertadora e agregou valor e qualidade de vida aos seus dias. Foram usadas citações diretas, como modo de garantir o lugar de fala da camponesa, apropriando-se dos instrumentos de empoderamento.

O referencial teórico baseia-se em referências bibliográficas e nos relatos de vida da educadora, como suas experiências em agroecologia para a autonomia e soberania alimentar, no diálogo dos saberes (teoria e prática), nos restabelecimentos de coprodução como mulher que produz, e na complexidade para a análise da realidade a partir de uma abordagem sistêmica e holística.

É pilar, também, os conhecimentos e práticas adquiridos com a participação na construção de projetos nas comunidades e em movimentos sociais, considerando as especificidades locais na questão da mulher como guardiã da semente, reprodutora da vida, cuidadora e mantenedora, cidadã, como sujeito de direito.



Assim, o conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência do conhecer. Ao viver, o ser humano tem experiências progressivas, da dor e do prazer, da fome e da saciedade, do quente e do frio, entre muitas outras. É o conhecimento que se dá pela vivência circunstancial e estrutural das propriedades necessárias a adaptação, interpretação e assimilação do meio interior e exterior do ser (Tartuce, 2006, p.5).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CAMINHO DO MEIO

Maristela Soeira é natural de Curitiba-PR, nascida em 28 de Junho de 1968. Devido às dificuldades de sua mãe ao criar filhos sem a presença da figura paterna, cresceu dos 2 aos 7 anos em um orfanato da capital Paranaense, aos 11 mudou-se para Brasília com sua família para trabalhar na casa de deputados. Ela, a mãe e sua irmã de 15 anos limpavam, cozinhavam e cuidavam das crianças, recebendo um salário por todo o trabalho.

Já trabalhou como babá, cozinheira, missionária, participou de ONG's e cooperativas. Sofreu pressão da sociedade, relacionamentos abusivos, conflitos sociais e vários tipos de violência: psicológica, física e criminal.

Em 2010, Maristela chegou ao Acampamento Renascer, localizado no Córrego do Arroizal, a 20 km da área urbana de Sobradinho, cidade satélite de Brasília, com seus três filhos e uma anemia profunda. Seu companheiro, na época, foi quem escolheu o terreno de 50X70 m², o terreno ficou sob a responsabilidade de Maristela após ele ter voltado para sua terra natal.

Em 30 de Abril de 2009, a área foi disponibilizada para o Movimento de Apoio ao Trabalhador Rural (MATR), por meio do INCRA (registrado no DOU), para a construção do assentamento. A área que passou a ser ocupada por aproximadamente 300 famílias que estavam à mercê no KM 03 da BR-DF 330 desde 2007.

No início, devido ao uso inapropriado, o espaço era totalmente degradado. O solo exposto, arenoso e com processos erosivos, sem nutrientes ou matéria orgânica, dificultava até o desenvolvimento de ervas daninhas. Sem água e recursos financeiros para investimento em insumos, ela construiu tudo do zero, a partir de instrumentos perceptíveis.

A alimentação precária em conjunto com a falta de saneamento, de moradia e de transporte, adoeceu muitas vezes essa mulher, que resistiu e sobreviveu às adversidades da vida. As estratégias para a transformação do local surgiram a partir do trabalho de paciência, persistência e esperança.

Na comunidade vemos vários casos da chocante realidade de alienação dos direitos básicos, onde uns tem água e outros não tem. Crianças e pessoas idosas ficando reféns de especuladores que se beneficiam do descaso do governo. O povo está cansado, desnutrido pela falta de acesso a alimentos, tanto para compra como para



produção. Estão desacreditados. Tem o inimigo invisível, a especulação imobiliária, são vários os fatores que fazem com que a comunidade viva uma situação miserável (Maristela).

Hoje, cerca de 60 famílias esperam pela formalização do espaço, mesmo já estando com a posse instituída no diário oficial, a comunidade espera para serem assentados, muitos morreram no decorrer dos anos em condições insalubres após exposição a precárias condições de trabalho, sem assistência e esperando. “O sistema tende a excluir qualquer um que ameace a sua estrutura, absurdos são vivenciados por grande parte da população que é exposta pelas intenções escusas e silenciosas da classe dominante. Na comunidade não há garantia a direitos humanos básicos” (Maristela).

Diante de tanto desajuste é altíssimo o índice de alcoolismo, pessoas doentes, abandonadas à própria sorte, estão de mãos atadas. A transformação pode estar em uma nova conduta, onde a "práxis revolucionária" realmente aconteça.

Devido às duas secas severas que atingiram todo o DF, os poços secaram, fez-se necessário um caminhão pipa, entretanto, a distribuição era desigual. Até hoje a educadora sofre com a distribuição desigual de água, seus vizinhos a jusante fecham o registro, controlando a quantidade e os dias disponíveis do recurso.

Em 2012, ingressou no curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, na Faculdade UnB Planaltina, transformando-se pela educação, pôde unir o que aprendia na teoria com a experiência e força do companheiro.

Seu Joaquim com 82 anos, a ajudava superar suas doenças, construir sua casa e trabalhar no solo. Por meio da troca de serviços, em um sistema de cooperação, recuperaram o solo e hoje podem plantar, além de doar sementes e mudas.

A casa onde mora atualmente é toda feita com técnicas de reaproveitamento, principalmente a captação da água da chuva, tecnologia social que ela desenvolve com os recursos disponíveis no local. Os materiais que deram vida à sua moradia foram todos encontrados no descarte e reutilizados através da arte, como o piso em mosaico de mármore e granitos e as paredes de telhas e madeiras.

Para Maristela a questão do bem viver não requer muitos recursos, mas uma conduta em que os mesmos sejam disponibilizados com equidade. Entretanto isto não acontece, então é preciso trabalhar com a realidade local. Tudo o que fez, na maior parte doente e sem recursos básicos nem para sobreviver, demonstra que *“se os recursos fossem melhor distribuídos, seria possível fazer muito mais, com beleza e graça, pois é necessário ter qualidade de vida, já que na simplicidade contém tudo, porém a miséria já é a falta, em um país que se orgulha de alimentar o mundo”*.

AGROBIODIVERSIDADE COM ESCASSEZ DE RECURSOS

A Agroecologia é um campo de conhecimento que articula e integra saberes populares e científicos, bem como aceita o desafio de produzir novos conhecimentos a partir desse encontro. Dessa forma, é um novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. Esse campo, a partir de seus princípios e de suas



experiências concretas, aponta a necessidade de construção de relações mais igualitárias e equitativas com o outro, seja este outro ambiente ou outro ser humano (ANA, p, 68, 2008).

A sabedoria dos antepassados, a transmissão, a identidade para criar, inovar e superar através dos instrumentos e materiais que estão disponíveis no local. Com intervenções, interações e mediações em relação à vida, à compreensão do real, às contradições, ao processo de vivência pelo conhecimento e à prática em agroecologia, parte integrante da nossa formação, pois “recebemos um sistema dado e podemos transformá-lo” (Maristela).

A biodiversidade está relacionada aos padrões alimentares de medicina preventiva. Servem como remédios naturais preventivos e garantidores da saúde da população, que está sendo destruída pela lógica do capital internacional, contribuindo para mais pobreza e fome, e levando à migração das populações. É o principal socorro da comunidade.

Os saberes, a educação para a cidadania que forma sujeitos atentos aos problemas sendo capazes de interferir e intervir nas decisões quando há ações arbitrárias, agregando valores, conduta e ações dentro de conceitos de economia solidária.

Trabalho com ervas medicinais, atendendo a comunidade em que vivo nos momentos críticos em que a pessoa não tem acesso ou não consegue atendimento, por meio de aprendizados passados de gerações pela minha família, dos saberes das tradições culturais, ervas medicinais e experiência por cerca de cinco anos em trabalho voluntário com minha mãe no Vale do Amanhecer (Maristela).

Ela acrescenta ainda que “com o decorrer do tempo e das vivências aqui, aprendi muito da importância real de fazer. Colocar em prática aquilo que se acredita é a base de sustentação, o eixo. Através das contradições e dos conflitos, pois era só o que tínhamos, desenvolvemos novas possibilidades para a superação dos desajustes e de contribuição onde a gente vive, retornando todo a energia disponibilizada pela magia da vida, pela natureza que nos sustenta e alimenta, mas no princípio não tinha nada”.

No início, a reestruturação do solo foi bastante difícil. “Nada favorecia, não tinha água, quando tinha era preciso carregar de longe. O solo estava degradado, não havia adubo. Tudo isso aliado à inconstância do clima e à falta de informação e conhecimento fazendo com que muitas plantas morressem”.

A preparação do solo foi principalmente por faixas, que dão suporte para a outra do ano seguinte, e assim sucessivamente. A integração das plantas foi fundamental, com a semeadura de várias plantas invasoras, que ocorrem espontaneamente, cada parte disseminou um tipo como a braquiária, flor do mel, picão, carrapicho entre outros que formaram a matéria orgânica e tornaram o solo mais produtivo.

A ciência clássica dá a impressão de o solo ser suporte imutável, estático, o que de fato nunca foi e nunca será. Nós tentamos, pela primeira vez, mostrar o solo como é: um mecanismo complexo, animado, praticamente vivo, que se modifica constantemente, mas cujo manejo não é tão difícil, conhecendo-se os seus princípios básicos. Modificando somente um único fator do complexo ecológico,



que é o solo, modificam-se todos os demais fatores automaticamente, a fim de formar um equilíbrio novo em que cabe o fator modificado (Primavesi, p.7).

Começaram plantando em época de chuva, mandioca, milho e batata. Os consórcios agrobiodiversos praticados no local resgatam o plantio de forma natural, semeados com as águas e o vento dispersados pelos animais. Ao devolver a terra, frutas, tubérculos e ramas, o ciclo de vida recomeça.

A produção orgânica e com diversidade, garante a soberania alimentar e nutricional. Há harmonia na relação dos chás, flores e plantas alimentícias. As flores dão um toque especial à área, trazendo muitos polinizadores.

Segundo Maristela, “as plantas conversam com a gente, elas dizem o que está acontecendo com elas, como está o solo, como quando há pouca água ou muito sol. A observação é diária e demanda ações referenciadas a cada caso”.

Algumas estratégias foram desenvolvidas a partir das necessidades como: pedaços de telhas serviram para fazer meia sombra quando amarradas a pedaços de pau; restos de pedra de mármore com palha em cima serviram para refrescar a terra; a água foi distribuída conforme as demandas das plantas que estavam em maior vulnerabilidade ou tinham maior necessidade. Muitas vezes faltava água para lavar louça ou tomar banho ao darmos prioridade para as plantas e a comida.

“Quando vem a seca tenho que retirar pelo menos uma muda de cada espécie que é vulnerável e colocar em vasos para que tenha pelo menos para recomeçar no período. As mudas são colocadas em volta da casa em garrafas pets” (Maristela).

Após muitos anos doentes, essa mulher melhorou à medida que a terra começou a produzir o mínimo para comer e as flores começaram a fazer expressões artísticas, retornando também com a saúde emocional.

Em poucos minutos de caminhada encontra-se espécies como mamão, pitanga, cagaita, nim, gergelim, cravo de defunto, goiaba, abóbora, batata doce, manga, seriguela, arruda, amora, maracujá, cânfora, macadâmia, abacate, graviola, abacaxi, pinha, hortelã, mandioca, maxixe, jerimum, couve, cebolinha, manjeriço, capim santo, erva cidreira, alfavaca, losna, alfavacão, alecrim, mastruz, bálsamo, café, erva santa, cajuzinho, araçá, caju, acerola, taioba, maçã, mexerica.

Mais ao fundo da propriedade planta-se milho, mandioca, feijão carioca, fava, vagem pastel, picão, ora-pro-nóbis e outras PANC'S, capuchinha, caruru e margaridão, pequi, araticum, coco babaçu, coco baru, maracujina, guajuru, penicilina, argyreia, mostarda, tomate, pimenta, feijão guandu, algodão, vinagreira, chia, açafraão e várias plantas ornamentais.

A volta da fauna e da flora no local trouxeram a manutenção dos serviços ecossistêmicos de abastecimento como a polinização, de regulação, como a diminuição da temperatura, de suporte como a reestruturação do solo e culturais como o bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Não podemos pensar em transformação social sem considerarmos a questão de gênero no contexto contemporâneo, e o que nos traz aqui, neste momento histórico, é o fato de mesmo com toda a evolução tecnológica, a contradição de desrespeito gritante.

A realidade em que a maior parte das mulheres camponesas estão expostas é de violência contra a mulher como o feminicídio, desigualdade de remuneração, falta de espaços educativos infantis de cuidado e acolhimento, condições insalubres de trabalho e de moradia, falta de acesso e garantia de educação, falta de condições mínimas de sobrevivência, vulnerabilidade, entre outros.

A vivência em agroecologia se propõe a experiências práticas. Dar continuidade à discussão, participar e elaborar o planejamento coletivamente, procurar alternativas para acesso as informações na sistematização, participar do processo de desenvolvimento de pesquisa na questão agroecológica é o papel da mulher na conservação e preservação ambiental para a preservação da vida no planeta.

Integradas em vários espaços educativos, abertas à crítica e à mudança social, questionando seus conteúdos, se abrindo a perspectivas das culturas populares e saberes tradicionais, surge uma nova visão que resgata a identidade, a história e a memória pela pedagogia da libertação, a educação como prática da liberdade.

É preciso, ainda, que haja a compreensão da mulher, enquanto fornece a esta a compreensão do meio ambiente, experiências concretas no campo que contém um modo específico de ser, de viver de pensar, de fazer ciência, é o agente da própria história, como doadora universal, estimula, organiza e acolhe, cuida, mantém, cria.

REFERÊNCIAS

ANA (Articulação Nacional de Agroecologia). **Mulheres construindo a agroecologia**. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro, 2008.

CHAYANOV, A.V. **La organización de la Unidad Campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1974

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **A produção da autonomia**: “os papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro (UFRRJ), v. 15, p. 89-122, 2007

MORALES, Patricia Pérez. **Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia**: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo, Equador. 2008. Tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062008-153058/en.php>>

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres**. Agriculturas • v. 6 - n. 4 • dezembro de 2009.

PAULILO, Maria Ignez S. **Trabalho familiar**: uma categoria esquecida de análise. Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, v. 12, n. 1, 2004.

PRIMAVESI, Ana – **Livro Manejo ecológico do solo**: A agricultura em regiões tropicais. São Paulo: Nobel, 2002.

TARTECE, T.J.A **Métodos de pesquisa**. Fortaleza; UNICE- Ensino Superior, 2006. Apostila.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu**



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

sentido transformador. Texto de residente do Programa Comunicarte de Residência Social, 2005-2006.